Audioaula: o som como suporte pedagógico em sala de aula

André Barbosa Filho

Mestre em Ciências da Comunicação pela UMESP, doutor em Ciências da Comunicação pelo CTR-ECA/USP, assessor especial do ministro-chefe da Casa Civil da Presidência da República, membro titular do Grupo Gestor do Sistema Brasileiro de TV Digital e do Grupo de Trabalho Interministerial de Radiodifusão Comunitária.

E-mail: abarbosa@planalto.gov.br

Não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observada a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos.

PAULO FREIRE – Carta aos professores

A utilização do áudio na sala de aula, como elemento motivador do aprendizado, é recurso conhecido em todo o mundo e explorado de diversas formas, desde a década de 1930, quando seu veículo propulsor, o rádio, teve franco desenvolvimento. Entretanto, se o progresso tecnológico pareceu um simplificador e verdadeiro estímulo para as relações pedagógicas, estas, de trânsito mais lento, nem sempre acompanharam a verdadeira revolução introduzida pelos meios de comunicação de massa em nossa sociedade.

O educador Pierre Furter, em conferência em 1995, no Rio de Janeiro, apresentou uma tabela que mostrava as seqüências evolutiva e comparativa da educação e da comunicação na Europa, entre 1850 e 1990. Por essa análise, fica claro o grande avanço apresentado pelos meios de comunicação desde o início do século XX e o atraso evolutivo da educação, cuja percepção dos processos de integração planetária só se instaura a partir de 1950, com a cultura de informação pós-local ou global.

Na ocasião, o professor Furter¹ foi incisivo ao dizer que “os paradigmas atuais na educação e na comunicação não coincidem historicamente. A não-simultaneidade histórica dos dois paradigmas está reforçada pelas disparidades

1. FURTER, Pierre. *Comunicação e educação: repensando os paradigmas*. XIX Congresso Brasileiro de Tecnologia Comunicacional. Rio de Janeiro: UCBC, 1995. Mimeo.

teóricas dos seus modelos, como o conceito de sistema, a referência ao espaço e a definição de cultura”. Os desafios dos meios de comunicação de massa deveriam obrigar os educadores a imaginar um novo paradigma educativo. Infelizmente, tal perspectiva é dificilmente aceita nas ciências da educação. Indagava, ainda, o professor francês: “A ‘cultura escolar’ está fora de órbita em relação à ‘cultura de massa’ [...]. Será a escolarização ainda capaz de se iniciar nos novos códigos culturais dos meios de comunicação de massa? [...] Os sistemas escolares contribuem ainda à construção dos espaços públicos da sociedade civil?”.

A fala de Pierre Furter no Congresso da UCBC de 1995 nos faz refletir sobre alguns aspectos desta problemática, imaginando propostas para implantação de um modelo descontinuado de educação, admitindo o caráter aleatório da cultura e revalorizando uma educação política com a instituição de valores críticos.

Já a construção da *cidadania comunicativa ante a oferta dos meios massivos para a constituição da cidadania plena* é o tema abordado pelo professor chileno José Luis Olivari. Para o mestre andino, “temos que analisar a especificidade do aporte educativo para a realização dos produtos de comunicação de massa. Isto tem motivado desencontros entre o mundo dos comunicadores e os que demandam um aporte comunicativo em razão da falta de reflexão conjunta. Dentro das propostas de comercialização e de entretenimento, que atualmente são dirigidas pelos meios à sociedade receptora, são extraídos elementos educativos da comunicação, sem que tal ação se deva à proposta dos produtores como objetivo explícito, tal como a de educar ou de contribuir ao desenvolvimento dos indivíduos”. Conclui o professor Olivari: “[...] a este fenômeno, que atribui à recepção de mensagens um valor educativo, denominamos ‘resignificação educativa’, a partir da qual, nos parece, afloram promissoras possibilidades de fazer outro tipo de comunicação educativa cidadã”².

A partir destes conceitos de interação entre a cultura e a propagação das mensagens com significados distintos, há que se observar a necessidade de uma reorientação da educação para a cidadania. Destituída do caráter de catecismo cívico, esta proposta percebe a educação como criação de espaços de reflexão e entendimento do valor intrínseco da construção de uma nação complexa, plural. Neste movimento confluem universos culturais locais, nacionais e internacionais, que se interfaceiam e são colocados dentro dos cenários dos diversos meios de comunicação de massa. Esta prática, voltada para os espaços educativos, pode proporcionar a interação entre professores, entre alunos e professores e entre os próprios alunos, como fonte inesgotável de descoberta de recursos para a conquista da formação educacional consistente e integradora.

CONTEXTO GERAL DA PRÁTICA RADIOFÔNICA EM AULA

De um modo geral, educadores que já tiveram contato com experiências sonoras em sala de aula defendem o seu uso como instrumento de informação e conscientização. Mesmo reconhecendo a importância de projetos de Radioescola e assemelhados no interior da escola onde participam docentes e

2. OLIVARI, José Luis. *Comunicação e educação para cidadania*. Santiago: Ceneqa, 1998.

comunicadores, ainda existem resistências ao envolvimento de agentes externos no processo educativo.

No caso específico da radioescola, a maioria vê este tipo de aprendizagem como um objeto desencadeador da construção crítica, porque a produção é realizada pelos próprios alunos, orientados por professores. O trabalho possibilita ainda o ensino da linguagem radiofônica, formato primordial no desenvolvimento de peças sonoras.

É fato também a tendência de reconhecer a radioescola como instrumento de ensino para trabalhar tanto as questões pedagógicas quanto o contexto social ao qual a escola pertence. Professores e coordenadores são simpáticos à utilização da linguagem radiofônica, bem como ao próprio veículo, aceitando e entendendo que o ensino não pode mais se restringir a recursos como giz e quadro-negro.

Antes de adotar qualquer alternativa pedagógica, porém, é necessário garantir que o projeto não seja tratado de forma isolada e que o aluno use seu tempo, repertório e novos conhecimentos e esteja comprometido com a construção de seu ensino e aprendizagem.

No momento em que as tecnologias da informação forem aliadas à educação, professores, alunos e dirigentes saberão conviver com elas da mesma forma que aprenderam a conviver com o livro didático³.

O PROJETO AUDIOAULA

O projeto Audioaula tem como eixo principal o ensino das práticas pedagógicas, dispostas a partir dos conteúdos programáticos ministrados em sala de aula, com os seguintes objetivos:

- Democratização da comunicação, capacitando alunos a assumirem seus papéis como sujeitos ativos de sua própria comunicação.
- Familiarização com a linguagem sonora.
- Intercâmbio de informação e comunicação interescolares, ampliando o conhecimento cultural e pedagógico das escolas.
- Conhecimentos técnico e artístico da linguagem sonora, utilizados pelas emissoras de rádio, produzindo a desmistificação dos meios de comunicação de massa.
- Conhecimento das mensagens elaboradas por meio das técnicas de edição, interpretação das relações entre conteúdos veiculados e os interesses da empresa radiofônica. Implicações políticas, econômicas, sociais e ideológicas que interferem na divulgação da informação, ou seja, a leitura crítica do rádio.
- Socialização do aluno, por meio do trabalho radiofônico em equipe, contemplando etapas desde a elaboração de pautas, roteiros, trilhas sonoras e musicais, locuções, até a divulgação do programa sonoro em sala de aula, de forma a estimular a prática de cooperação social dos participantes.

3. ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. *Radioescola: uma proposta para o ensino de primeiro grau*. São Paulo: Annablume, 1999.

- Sugestão de novos temas a serem desenvolvidos – assuntos indicados pelos próprios alunos e professores conforme observação e experimentação vivenciada durante a pesquisa do meio⁴.

POTENCIALIDADES DA AUDIOAULA

O processo educativo deve rever e atualizar continuamente modelos de utilização do rádio em sala de aula, tradicionalmente fundamentados em contribuições e esforços pioneiros de Roquette Pinto e Humberto Mauro. Como ensina Pierre Badin, “[...] o desafio da escola, hoje, é estabelecer a ligação que as coisas têm com a ação e a sabedoria de viver. Não uma escola-loja para consumir o saber, mas uma escola mesa. Mesa sobre a qual se coloca junto o que se aprendeu, a fim de ligar, isto é, de completar, relativizar, criticar e confrontar o aprendido com a sociedade e a ação”⁵.

As novas práticas devem reconhecer no aluno um sujeito em contato e impactado pelos meios de comunicação de massa. Como afirma o professor Onésimo de Oliveira Cardoso, “[...] isso implica repensarmos o discurso pedagógico que cultiva o mito do enciclopedismo, sobrecarregando os alunos como se fossem burros. Não entendem que a escola há muito deixou de ser o espaço daqueles que não sabem. Os alunos sabem, e sabem muito”⁶.

O projeto de Audioaula ainda reconhece outra importante contribuição do professor Cardoso, que discute limites e desvios a serem corrigidos e resultados que precisam ser superados a fim de garantir a qualidade e a assertividade do método: “[...] atestar o nível de competência da geração audiovisual nos dias atuais não significa deixar de reconhecer a quantidade significativa de ‘analfabetos funcionais’ e que, de alguma forma, passaram por processos de ensino e aprendizagem. São aqueles que não são capazes de ler, escrever, fazer cálculos simples de juros, resolver problemas ou comunicar-se adequadamente no seu ambiente de trabalho para serem eficientes nas suas tarefas ou mesmo lidar com questões do cotidiano. Esses fatos reforçam a urgente necessidade de rompermos com a idéia do professor ‘auleiro’, amestrador, que entende o espaço da escola como um campo de obediência. O professor hoje tem que ser alguém capaz de experimentar, duvidar, arriscar. Alguém que desenvolva com os educandos um diálogo inovador quanto aos desafios do futuro, a construção da cidadania, a capacitação profissional e a relevância social da prática pedagógica”⁷.

Ao lado do esforço de campanhas oficiais de integração do aluno às novas mídias, segue a necessidade de facilitar sua aproximação ao áudio, linguagem que, pelo rádio – seu suporte mais popular e completo –, comemora no Brasil 80 anos de intensa convivência.

Foram investidos milhões de reais na aquisição de equipamentos audiovisuais. Em contrapartida, ainda são tímidos os investimentos em áudio, como linguagem plena. Mesmo assim, os índices, pesquisas e dados comprovam a penetração e a credibilidade do rádio como veículo de larga exposição de mensagens em todas as faixas populacionais, principalmente entre os jovens.

4. Ibid.

5. BADIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. **Os novos modos de compreender: geração audiovisual e do computador**. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 150.

6. CARDOSO, Onésimo de Oliveira. **Comunicação e educação: novos meios, novas idéias**. Comunicação & Sociedade, São Paulo: Umesp, n. 22, 1994.

7. Ibid.

Daí sua urgente utilização como meio para a construção de conteúdos educativos em um formato estimulante para corações e mentes. O rádio possui características importantes e que não podem ser desprezadas na reelaboração do conhecimento:

- *Sensorialidade*: dá vazão à imaginação, contribuindo com a complementação da interpretação de mensagens pelo ouvinte e resgatando, portanto, a relação emocional presente nos diálogos.
- *Dinâmica*: rapidez na produção de conteúdos, imediatismo, instantaneidade das mensagens.
- *Baixo custo*: a relação custo x benefício da infra-estrutura é compensadora, considerando a quantidade de ouvintes que os programas podem atingir.
- *Invisibilidade*: permite a audição das mensagens sem impedir outras atividades, e garante presença afirmativa entre os diversos segmentos receptores⁸.

LITERATURA NO RÁDIO

A construção de argumentos, com o uso da plástica sonora, possibilita, entre tantas vantagens, a estreita relação com a literatura, estimulando o leitor-ouvinte por meio da complementação de conteúdos, interpretação e apreensão do significado dos textos trabalhados.

Os cenários sonoros construídos como referência não restringem a criatividade, pois, como dissemos, a estimulam através do imperativo da percepção complementar do ouvinte. Nesse sentido, o áudio, por suas especificidades, pode estar ao lado do livro em muitas situações, capacitando o ouvinte a tornar-se rapidamente leitor, desde que estimulado para tanto.

Ou seja, o adolescente, acostumado ao som, à música, à fala pode ser trabalhado para ouvir outros formatos sonoros, principalmente os relacionados com a dramatização sonora, e buscar suas referências no texto impresso que, entre suas riquezas, garante a perenidade da informação e o acesso a seus conteúdos com extrema rapidez e facilidade, quantas vezes se fizer necessário.

LIVRO E ÁUDIO: CASAMENTO PERFEITO, NA ESCOLA E FORA DELA

O projeto Audioaula promove a utilização conjunta do livro e do áudio. Para tanto, propicia o contato do público escolar com a linguagem sonora. O processo contempla atividades como:

- captação da voz humana por microfones e gravadores de áudio;
- criação de roteiros para estes suportes sonoros;
- elaboração de diálogos;
- confecção de cenários com base em trilhas de efeitos;
- produção de trilhas musicais;

8. BARBOSA FILHO, André. *Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 45ss.

- inclusão do silêncio, para que se possa partilhar, na sala de aula, do ato de produzir;
- percepção do conhecimento construído⁹;
- pesquisa, no texto impresso, das referências propostas pelo conteúdo sonoro em questão.

Para atingir todas essas metas, com resultados significativos, é necessário seguir um roteiro com os seguintes passos:

1. *Criação de peças sonoras, utilizadas como referência para audição em sala de aula – a Audioaula.* Estas peças devem ser construídas com a participação dos professores que estão em sala de aula, trabalhando o processo sonoro. Oficinas pontuais que permitam o contato do docente com esta linguagem. Os conteúdos, obrigatoriamente, devem atender ao plano pedagógico ao qual se referem.

2. *Apresentação dos conteúdos sonoros em sala de aula.* Discussão dos significados, imediatamente após a sua audição.

3. *Preparação de novos conteúdos, a partir da divulgação dos itens básicos para sua construção.* Discussão da abordagem em classe. Montagem de roteiro sonoro. Captação dos sons, como locução e trilhas.

4. *Gravação, edição e finalização da Audioaula.* Alunos e o professor constroem juntos a Audioaula, utilizando a infra-estrutura necessária.

5. *Audição da Audioaula.* Os alunos ouvem a Audioaula, em data específica e especial, programada na seqüência imediata à sua produção. Também avaliam sua qualidade quanto à percepção da mensagem, tendo como referência o produto sonoro final.

AUDIOAULA APLICADA EM PROJETO ESPECIAL DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

À convite da coordenação do Núcleo de Apoio ao Ensino, n. 8, da Secretaria de Educação do Município de São Paulo, muito especialmente em razão do auxílio de seu coordenador, Mathias Vieira, e da professora Fátima Mahamed Yunnis, a Audioaula foi implantada em duas escolas do Núcleo, cuja área geográfica de atuação é a Zona Leste do município.

As escolas escolhidas – Padre Batista, no bairro de Sapopemba, e Arlindo Caetano, no Parque São Lucas – estão encravadas em área habitacional ainda em vias de urbanização, dentro de um perímetro extremamente carente de atendimento de instâncias públicas. Não há esgoto, o lixo é jogado em córregos que margeiam os conjuntos de moradias paupérrimas, sem policiamento, com instalações elétricas clandestinas.

Nesse cenário caótico, a dignidade e a cidadania resistem nos únicos espaços públicos oferecidos atualmente: as escolas. Os pátios, para prática de Educação Física, por

Professor fazendo uso do rádio em sala de aula.

9. Id. Uma nova perspectiva de produção sonora: os livros sonoros. *Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo: Intercom, v. XX, n. 1. p. 161-165, 1997.

deliberação das diretorias escolares e com anuência da respectiva coordenadoria, são utilizados pela população, principalmente os jovens, em práticas desportivas, culturais e de entretenimento nos finais de semana.

A própria escola cede seus espaços internos para ações de aproximação com a comunidade, na tentativa de aumentar sua influência sobre o meio e despertar o interesse de muitos garotos e garotas em idade escolar que, por muitas razões, todas elas dramáticas, não freqüentam as salas de aula.

SELEÇÃO TEMÁTICA E TÉCNICAS ENVOLVIDAS

Participaram do projeto de Audioaula 25 professores e professoras de cinco escolas do Núcleo. Foram realizados seis encontros, com quatro horas de duração cada um, nos quais os professores, seguindo a metodologia descrita, se familiarizaram com os elementos da linguagem sonora e praticaram exercícios de roteirização de argumentos, baseados em conteúdos pedagógicos aplicados no Ensino Fundamental. Os temas abordados pelos professores eram pertinentes às disciplinas de História Geral e História do Brasil, Língua Portuguesa e Literaturas Portuguesa e Brasileira.

Em caráter excepcional, oito alunos, escolhidos pelos professores entre os mais assíduos e interessados, puderam participar do projeto, acompanhar as explicações e realizar, paralelamente aos seus mestres, os trabalhos sonoros, também objetos de avaliação da retenção do conhecimento ministrado.

Os diversos recursos foram selecionados e apresentados especificamente para este fim educativo: a familiarização com trilhas musicais sem voz, chamadas trilhas brancas, e sua utilização para valorizar os argumentos; a inclusão de trilhas sonoras, ruídos e efeitos; a gravação de falas em ambientes fechados e em tomadas externas, com o uso de gravadores de mão; a edição de conteúdos, tais como reportagens, entrevistas e depoimentos, em mesas de áudio; locução e interpretação de textos; gravação das falas de personagens; e elaboração de diálogos, respeitando todas as regras de captação e uso técnico do microfone para captações diferenciadas – direcionais, unidirecionais e multidirecionais –, considerando o posicionamento dos radioatores e seu respectivo plano de vozes.

A escolha temática dos alunos privilegiou o cotidiano. Um texto do cantor e compositor Renato Russo foi utilizado como base para uma leitura sonora e sua posterior adaptação, por meio da elaboração de texto cujo teor versava sobre a própria situação de exclusão experimentada e vivenciada pelos alunos. A mensagem extravasava realismo e esperança.

A captação utilizou diretamente o gravador, sem quaisquer recursos de equalização sonora, e audiocassetes de mão. As trilhas de efeitos foram elaboradas por meio de CDs escolhidos nas coleções *Valentino* e *Sound Ideas*. A montagem demandou o uso de dois gravadores cassetes e um aparelho de CD.

O produto final tem duração de cinco minutos e possui boa qualidade. É próprio para o exercício de conhecimento das técnicas sonoras. Todos os alunos aprovaram o método. O empenho, o interesse e a assiduidade aos en-

contros do projeto de Audioaula demonstraram que o método trouxe a eles novas perspectivas de contato com a aquisição do conhecimento.

Os professores, por sua vez, produziram uma aula sobre preposições adversativas, utilizando elementos sonoros, de forma semelhante à dos alunos. O resultado foi excelente, levando-se em conta os limites técnicos a que foram submetidos os novos produtores. Um programa original teve duração de oito minutos. Remodelado, aproveitando-se o roteiro e a escolha dos elementos sonoros, poderia ser utilizado e estaria apropriado para a sala de aula, por seu caráter didático, seus motes de repetição e clareza expositiva.

O experimento deu origem à decisão de implementar efetivamente a Audioaula em classe, como parte integrante do método de ensino aplicado nestas escolas, determinada no NAE-8 no ano letivo de 2003/2004, sob responsabilidade da professora Fátima Mahamed Yunnis.

Resumo: Este trabalho mostra a aplicação dos elementos sonoros como ferramentas de apoio na utilização de métodos pedagógicos para a construção do conhecimento junto a educandos do Ensino Fundamental, moradores de regiões com alto índice de violência. Com o apoio da Secretaria de Educação do Município de São Paulo – especialmente do Núcleo de Apoio de Ensino (NAE-8), situado na Zona Leste paulistana –, o projeto Audioaula é um exercício coletivo, cujo esforço de idealizadores, professores e alunos busca aumentar a qualidade do aproveitamento escolar entre jovens em situação de risco social. O áudio mostra-se como recurso importante para a recriação de sentidos dos conteúdos programáticos escolares. Além disso, o processo inclui o trabalho técnico de roteirização e utilização de equipamentos, como o microfone.

Palavras-chave: linguagem radiofônica, áudio, educação, rádio, sociedade.

Abstract: This work shows the use of sonic elements as support tools in pedagogic methods for building knowledge in elementary school students living in high violence areas. With the patronage of the Sao Paulo Secretary of Education — especially of the Nucleo de Apoio de Ensino (NAE-8), in the Eastern area of Sao Paulo —, the Audioclass Project is a collective exercise by which its idealizers, teachers and students pursue the increase of the school learning quality among children and youth in a situation of social risk. The audio appears as an important resource for the re-creation of the school subjects' meaning. Besides that, the process includes the technical work of scriptwriting and the use of equipments as the microphone.

Keywords: radiophonic language, audio, education, radio, society.